



---

## Sobre a dificuldade de compreender o sentido de movimento em Aristóteles

**Autor(es):** Barbosa, Rafael Mello

**Publicado por:** Imprensa da Universidade de Coimbra

**URL persistente:** URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42798>

**DOI:** DOI:[https://doi.org/10.14195/1984-249X\\_21\\_6](https://doi.org/10.14195/1984-249X_21_6)

**Accessed :** 21-May-2024 20:00:31

---

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



# archai



Revista sobre as origens do pensamento ocidental  
Journal on the Origins of Western Thought

21 | sep.-dec. 2017

# **SOBRE A DIFICULDADE DE COM- PREENDER O SENTIDO DE MOVI- MENTO EM ARISTÓTELES**

## **ON THE DIFFICULTY OF UNDERSTANDING THE SENSE OF MOVEMENT IN ARISTOTLE**

Barbosa, R. Mello (2017). Sobre a dificuldade de compreender o sentido de movimento em Aristóteles. *Archai* nº21, sep.-dec., p. 207-221  
DOI: [https://doi.org/10.14195/1984-249X\\_21\\_6](https://doi.org/10.14195/1984-249X_21_6)

**RESUMO:** A despeito da maneira geral da tradição grega compreender o movimento, isto é, segundo seu aspecto negativo e análogo ao não-ser, Aristóteles elabora a noção de movimento na Física de modo tal que ela possa ser considerada em ato, algo determinado e positivo em relação ao ser. Todavia a tradição de comentadores, desde Simplício, reduz a definição de movimento à passagem da potência ao ato afastando-o do seu cráter original e identificando-o a um ato incompleto, autoaniquilante e um intermediário entre o não ser e o ser. É preciso tentar compreender a noção de movimento, evitando reduções e apropriações indevidas e

archai 

nº 21, sep.-dec. 2017

procurar um caminho adequado para interpretar tal noção capital de maneira coerente com o texto apresentado na Física, Livro III restituindo-lhe o estatuto e o lugar apropriados.

**Palavras-chave:** Aristóteles, Metafísica, Ontologia, Física, Movimento.

**ABSTRACT:** Despite the Greek tradition general understanding of the notion of movement, that is, according to its negative aspects and analogous to the non-being, Aristotle elaborates in his Physics the notion of movement so that it can be considered in act, as something determinate and positive concerning the being. Nevertheless, the commentators tradition since Simplicio separates the notion of movement from its original character, turning it into an incomplete and self-annihilating act as well as an intermediary between the being and the non-being, or even, "the passage from potency to act". Such investigation aims at understanding the notions of movement and change (especially according to the books III and V), avoiding reductions and undue appropriations, in search for an adequate way to interpret such capital notions coherently to the Physics in order to finally reconstitute it to its appropriate status and position.

**Keywords:** Ancient Philosophy, Aristotle, Philosophy of Nature, Ontology, Motion.

Abordaremos neste artigo um tema caro tanto ao aristotelismo como a toda ontologia e estudos sobre a natureza, a saber, a noção de movimento. Não trataremos esta noção de maneira geral, mas em estreita consonância com a Física de Aristóteles, em especial o Livro III desta obra. Evidentemente, caso quiséssemos tratá-la de maneira geral, teríamos que traçar distinções entre os diversos usos dentre os autores clássicos e modernos, caso queiramos evitar o uso homônimo e equívoco.

Não é nenhuma novidade dizer que a filosofia grega, de maneira geral, tem como marca maior a sua insistência no ser e no seu caráter permanente e imutável e, por esta razão, o movimento aparece, na grande maioria das vezes, como causa da degeneração ontológica dos entes do mundo sensível. Contudo, a filosofia da natureza aristotélica não compartilha desta depreciação da noção de movimento levada a cabo pela tradição grega, muito pelo contrário.

As noções de natureza e movimento estão associadas. Por um lado, a noção de movimento entra em cena pela necessidade de pensar a noção de natureza. É claro que este é o tema principal da *Física* de Aristóteles, não esqueçamos que a palavra *phýsis* (de onde se deriva física) é traduzida para o português, sobretudo, como natureza. Por outro, segundo Aristóteles não é possível pensar natureza sem pensá-la em conjunto com o movimento e a mudança. *Grosso modo*, natureza é definida como princípio de movimento e mudança que reside em cada coisa segundo ela mesma.

Natureza é outra noção caríssima para a ontologia aristotélica, não somente porque sobre ela verse um

archai ἀρχαί

nº 21, sep.-dec. 2017

Rafael Mello Barbosa,  
'Sobre a dificuldade de  
compreender o senti-  
do de movimento em  
Aristóteles', p. 207-221

importante tratado, e sim porque ela é apresentada como causa primeira de todos os entes que possuem princípio em si mesmo. Natureza é diretamente a causa primeira e primeiro princípio dos entes naturais e indiretamente de todos os outros entes, que se constituem seja em função de imitá-la (como é o caso dos entes artificiais), seja em função do desvio dela (como no caso das coisas que são por acaso ou das que são em vão). A natureza é o primeiro paradigma da ontologia aristotélica e os entes naturais são aqueles que possuem princípio interno, muito já foi dito sobre esse tema e não será esse o assunto a ser tematizado agora. O importante é frisar que a causa paradigmática da ontologia aristotélica não se esclarece totalmente sem que o movimento tenha sido esclarecido, e isso não é pouca coisa.

O interessante de tratar a noção de movimento no âmbito da filosofia aristotélica é que esta se configura como um momento de crucial importância para a sua ontologia, pois, para explicar o movimento, entram em jogo e se estruturam de maneira determinada alguns dos principais conceitos base da sua ontologia<sup>1</sup>. E sua importância não é difícil de enxergar, posto que, de certa maneira, depende dele e de seu esclarecimento a primeira causa dos entes, a saber, a natureza. Ainda assim, o movimento é visto com certa repulsa por muitos intérpretes, que o consideram como a principal razão da impermanência dos entes sublunares e de sua inferioridade quanto ao ser, desconsiderando a necessidade do movimento e se esquecendo de que também os entes supralunares se movem.

Ainda que a noção de movimento tenha importância evidente, ela, diferentemente de outras, teve

o enunciado da sua definição convertido em outro enunciado, e isso a começar já com Simplício. Ele, por foça de suas convicções, vê-se no dever de reescrever clarificando a definição de movimento e não foram poucos<sup>2</sup> os que mantiveram a conversão da definição original e a sua interpretação dissonante. Disso decorre o curioso fato de, frequentemente, se ter compreendido o contrário do que as palavras de Aristóteles indicam.

Ouçamos as palavras de Aristóteles e as de Simplício na sequência para que fique claro a discrepância. A definição de movimento conforme proposta por Aristóteles é a seguinte: “Movimento é ato do ente em potência enquanto tal”<sup>3</sup>, a qual é seguida pela observação “a dificuldade de conceber o movimento é que tendemos a alocá-lo exclusivamente como privação, potência ou ato, mas nenhuma dela parece ser possível.”<sup>4</sup>

Simplício, por sua vez, reinterpreta a definição aristotélica como “movimento é a elevação, a passagem da potência para o ato”<sup>5</sup>, e esta interpretação é assumida como se fosse a definição de movimento. Dessa maneira, aquilo que é definido primeiramente como ato, passa a ser defendido como algo dito da potência, operando-se assim, uma certa inversão do núcleo estrutural da definição.

À primeira vista, esta nova definição pode parecer aceitável, pois de fato, identificamos movimento quando percebemos a transição da potência para o ato e enquanto não é ato pleno, como por exemplo, quando a casa está sendo construída, mas a construção ainda não está pronta. Dessa maneira, a casa nem está

archai ἀρχαί

nº 21, sep.-dec. 2017

Rafael Mello Barbosa,  
‘Sobre a dificuldade de  
compreender o senti-  
do de movimento em  
Aristóteles’, p. 207-221

totalmente em potência, porque já está prenunciada na construção, nem totalmente em ato, uma vez que não está pronta, mas está em um estado intermediário onde o estado potencial vai ficando para trás e o atual vai se tornando completo, e esse deixar para trás e se direcionar para a completude seria o movimento.

Não é difícil ver a falta evidente que ostenta a solução de Simplício e muitos foram aqueles como Tomás de Aquino, Brentano, Kosman e Aubenque que a identificaram, mas poucos conseguiram escapar dela. É preciso notar que com a sua nova definição, Simplício não diz o que é o movimento, mas aquilo que resulta dele. De fato, quando ocorre movimento, algo que era potencial passa a ser atual e a privação passa a forma, mas isso não quer dizer que movimento seja a passagem da potência ao ato completo, assim como o ajuntar tijolos e argamassa não é a construção, mas acontece quando se dá a construção. O evidente problema da interpretação de Simplício, não poderia ser outro: quando afirma o movimento como a passagem ou a elevação do potencial para atual, ele já está pressupondo a noção de movimento nas noções de passagem ou de elevação. Definir o movimento como passagem, não é outra coisa que tentar definir afirmando que o movimento é movimento de... Além da petição de princípio evidente, Aristóteles afirma algumas vezes que não há movimento de movimento ou mudança de mudança, isso nos levaria a uma redução ao infinito. A nova definição de movimento apontada por Simplício é circular e contraditória.

Contudo, porque será que, apesar dessa falta evidente, a conversão proposta por Simplício foi



aceita por alguns autores? A razão de fundo é a compreensão inadequada do que é princípio, o que resulta tanto no distanciamento dele do mundo quanto na impossibilidade de dizer o movimento verdadeiramente como ato.

Analisemos a noção de princípio: ela requer dois termos, a saber, o princípio e aquilo que o princípio principia, isto é, o principiado. Este é o ponto fundamental que leva Aristóteles a criticar a posição de Parmênides e Melisso, uma vez que, segundo ele, estes filósofos teriam professado a doutrina do ser como uma única unidade indivisível, excluindo, assim, a possibilidade de haver princípio. Em havendo princípio, duas coisas estão necessariamente envolvidas, pois o “princípio é de coisa ou coisas”<sup>6</sup>. Esta é a compreensão de fundo que orienta a concepção aristotélica de natureza (que é um princípio do vir a ser), bem como a obra que versa sobre ela.

Princípio só será isso que ele é, caso principie algo. Princípio deve “derivar” o principiado. Um “princípio de nada” não seria princípio – tal como o Ser de Parmênides que, sendo único, não pode ser princípio. A relação entre pai e filho ajuda a esclarecer a questão. Um pai só se torna pai quando tem um filho, e não antes. É evidente a dependência do filho para com o pai, pois, sem este, aquele não seria. Mas o pai também depende do filho, pois, ainda que exista sem seu filho, não será pai. O mesmo ocorre na relação do princípio com o principiado. Supor ter surgido do nada, antes como agora, soa completamente absurdo; se surgiu, possui um “de onde”. Por outro lado, mesmo a despeito da eminência do princípio, este só se dá na relação

archai ἀρχαί

nº 21, sep.-dec. 2017

Rafael Mello Barbosa,  
'Sobre a dificuldade de  
compreender o senti-  
do de movimento em  
Aristóteles', p. 207-221

com o principiado, o princípio também depende do principiado; essa dependência não é a mesma, mas deve ser considerada, pois ser pai para o homem é algo que pode acontecer ou não, mas o princípio (sobretudo o primeiro) não seria ele mesmo outra coisa do que fonte de ser e vir a ser.

No entanto, a leitura da Física de Aristóteles segundo a perspectiva adotada por Simplício e reforçada posteriormente, impede que este nexo estrutural apareça com toda sua força, pois concebe o princípio primeiro como separado daquilo que ele principia, tornando-o algo independente do mundo, ainda que seja aquilo que deve ser dito princípio acima de tudo.

A despeito desta vontade de separação, a noção de princípio, ela mesma, não pode ser pensada se não for na relação com o seu desdobramento, com aquilo que ocorre quando o princípio se realiza enquanto tal. Será princípio efetivo quando estruturar maneiras de ser e de vir a ser, seja em si mesmo como outro seja em outro.

Simplício julga que “ato puro” no primeiro axioma do movimento – “há, certamente, o que é apenas em ato puro e o que é em potência e em ato”<sup>7</sup> – estava se referindo a Deus. A interpretação desta passagem é decisiva e determinante na compreensão do que é o movimento. Se a perspectiva devesse ser a aristotélica, bastaria ouvir aquilo que é frequentemente repetido no Livro II concernente à matéria e a forma: que são estes dois os princípios naturais e moventes<sup>8</sup>, mas que a forma é um princípio não natural porque está fora do âmbito do movimento

e deve sempre ser dito como ato, além de ser aquilo que atrai a matéria como se o fosse pelo amor<sup>9</sup>. Apresentar a relação dual de ato puro e potência e ato não é outra coisa que retomar o caráter duplo da natureza<sup>10</sup>. Natureza é apresentada tanto como forma, quanto como matéria (sendo, a primeira, mais natureza, entre outras razões, por ser estritamente relacionada com a efetividade); a forma que é a natureza é sempre em efetividade; não sendo em efetividade, não é primeiro princípio, nem natureza. Dizer que o movimento tem como primeiro horizonte aquilo que é somente em ato e aquilo que é em potência e em ato é por em termos análogos a relação básica de forma e matéria (entendendo matéria como aquilo que sempre comporta algo da forma e algo não informado).

O problema de assimilar o ato puro a Deus no primeiro axioma do movimento, se dá no fato de trabalhar com a noção de princípio primeiro como algo externo ao ente e auto subsistente em seu 'ser para si' sem 'ser [origem] de o outro'. Nesta assimilação assume-se a simplicidade do princípio, mas não o assumem primeiramente como princípio. Tal posição configurou historicamente o horizonte da interpretação da noção de movimento. Se o movimento, de maneira geral, é derivado de uma relação de exterioridade com o princípio primeiro, então também todos os movimentos se darão de modo extrínseco. Enquanto o ato puro for visto como um princípio externo, o movimento figurará sempre como figura auto aniquilante de si e do mundo que faz parte, pois a marca da exterioridade do princípio seria a incapacidade do ente sustentar suas características perpetuamente.

archai ἀρχαί

nº 21, sep.-dec. 2017

Rafael Mello Barbosa,  
'Sobre a dificuldade de  
compreender o senti-  
do de movimento em  
Aristóteles', p. 207-221

No entanto, se assumirmos a sugestão de Aristóteles na Física e entendermos o primeiro ato como a forma inerente a cada ente natural e aquilo que permite e impele que tais entes sejam o que são, deixa-se aberta a possibilidade de haver movimentos derivados de impulso interno e de coisas que se realizam a si mesmas com e pelo movimento, assim como dos que não se direcionam para ou não possuem internamente princípio e são dependentes dos que possuem.

Para perceber como entes naturais se realizam pelo movimento é preciso esclarecer ainda dois pontos. Em primeiro lugar que a potência não deve ser considerada como a privação ou o ato considerado como a forma, como acontece na conversão de Simplício da definição de movimento. Em segundo lugar, que no Livro I e II da Física são descritos dois tipos fundamentalmente diferente de atos, o ato dos atributos e o ato das causas.

O movimento entendido como passagem da potência para o ato é pensado como a passagem de um estado potencial – identificado a privação de uma determinada forma – a um estado atual – identificado à realização plena daquela forma. O movimento seria o elo de ligação entre estes dois estados. Identifica-se, assim, potência à privação e ato à forma; o movimento passa a ser a tendência gradual de abandonar a privação para assumir uma determinada forma e quando perfeito e em ato já não é mais movimento, portanto, a noção de movimento torna-se incompatível com a perfeição e o ato.

Todavia, não é difícil ver que não é lícito fazer tais identificações, uma vez que podemos falar do

frio em ato, isto é, de uma privação em ato, e do quente em potência, isto é, uma forma em potência. Se aquecer ou resfriar são movimentos, então movimento é tanto passar da privação da forma para a presença dela, quanto passar da presença da forma para a falta dela. Consequentemente, é possível dizer que o movimento é a passagem da potência para o ato, como o contrário, que ele é a passagem do ato à potência, pois, quando a água esfria, a forma quente, antes atual, passa a ser potencial.

Deste modo, ficam claras algumas das dificuldades de assumir a interpretação e a conversão da definição de movimento operada por Simplício. A maior dificuldade é compreender porque apesar de considerar o movimento como um encaminhamento da privação para a forma, pareceu conveniente recusar-lhe o caráter constitutivo e inerente ao ente. Todavia, dessa maneira tornou-se mais fácil assumir o movimento como algo dito como potência e não como ato.

Pensar no desdobramento do princípio e na sua relação com o principiado é fundamental para compreender aquilo que é o movimento. Se existe um princípio e uma causa, então, estes interferem na maneira de ser de algum ente. Nessa interferência se dá o movimento. Ele é ato derivado, mas simultâneo, da “ação” do princípio no principiado.

No Livro II, Aristóteles estuda as causas do ser e os seus modos. Dois deles são importantes citar agora, ato e potência. Estamos a tal ponto habituados a pensar ato e potência na sua relação com a privação ou a presença de uma determinada forma, que nos

archai ἀρχαί

nº 21, sep.-dec. 2017

Rafael Mello Barbosa,  
'Sobre a dificuldade de  
compreender o senti-  
do de movimento em  
Aristóteles', p. 207-221

esquecemos de que tal privação ou presença possui uma causa e somente através dela o atributo chega a ser aquilo que é. A causa é anterior e responsável pelas características do ente e ela será dita primeira quando em ato, uma vez que, somente assim ela se realiza como tal. A causa primeira não age em si mesma, mas em outro, e o movimento é o que acontece com este outro quando a causa age; por isso também deve ser dito em ato ainda que passivo. Assim, sob a aparência estável das características de um ente existem causas fundamentais, que em seu exercício pleno são responsáveis pelo movimento e repouso dos entes. Causas são responsáveis pelas diferenciações nos entes e pela manutenção das características assumidas (ao menos as naturais e as artificiais), e não há razão em dizer que a permanência de um atributo é mais representativa da atuação da causa do que o movimento, mas talvez, em certa medida, o contrário seja verdadeiro, pois o movimento é dito a forma e a privação dele o repouso.

Partindo da análise do princípio, não é difícil ver que movimento é somente quando em ato, sendo ele mesmo resultado do desdobramento do ato da causa, do princípio. Mas do que o movimento seria ato? Se ele não é ato do princípio, de quê ele seria? Para resolver essa aporia é preciso retomar a distinção entre ato puro e ato e potência. O princípio primeiro, a causa do ser, é a natureza de cada ente, e deve ser dito ato puro, uma vez que não sofre qualquer transformação e está sempre em vigência e vigor. Ato e potência são atribuíveis somente àquilo que pode sustentar ora uma característica ora outra, não é o caso do princípio primeiro. A matéria, por sua vez é uma forte candidata a ser aquilo que

sustenta características em ato e em potência e que sofre movimento. No entanto, a matéria é definida pela forma específica, constituindo-se sempre de maneira determinada. Não existe matéria em geral, mas sempre matéria de, e o de indica a forma e o princípio primeiro; dizendo de outra maneira, não existe madeira simplesmente, mas sempre madeira de cerejeira, ou de jatobá... cada uma com suas características específicas. Se a matéria se direciona à forma como que pelo amor, então a matéria poderia ser aquilo que sofre o movimento.

No entanto, não seria correto dizer que há movimento ou alteração na estrutura básica da madeira de cerejeira ou na carne e ossos do homem, caso contrário, deixariam de ser madeira de cerejeira ou carne e ossos do homem. O movimento não acontece na matéria, uma vez que ela sempre carrega em si algo da forma, o movimento acontece na face do ente que não tem ainda qualquer forma, que é pura potencialidade e passividade, e que justamente por esse caráter indeterminado não pode ser dito a não ser como ente em potência. O movimento é o ato desdobrado do ato do princípio e que é ato não da matéria que já possui algo da forma, mas da parte potencial enquanto tal, que é a parte que mais precisamente poderá ser enformada.

Vê-se assim que a interpretação de movimento como passagem do ato para a potência conduz à confusão desta noção e impede verdadeiramente de compreender o seu lugar na Física de Aristóteles e, contrariamente à Simplício, penso que a definição de movimento não precisa de qualquer conversão para ser entendida, a menos que se queira confundir os

archai ἀρχαί

nº 21, sep.-dec. 2017

Rafael Mello Barbosa,  
'Sobre a dificuldade de  
compreender o senti-  
do de movimento em  
Aristóteles', p. 207-221

leitores e afastá-los da investigação natural. A natureza é princípio de origem de entes, mas também do movimento. Isso não quer dizer que a mesma natureza gere coisas diferentes, mas sim, que o movimento acontece quando a natureza se realiza. Quando o princípio age, ele altera outro ou a si mesmo enquanto outro, e este outro é precisamente apontado como o ente em potência, sendo sempre o outro e nunca o determinado. Uma vez que o movimento acontece quando o princípio desdobra-se e impele o outro (o ente em potência ele mesmo) que de modo passivo aceita se dar assim ou assado, o movimento não poderia ser melhor dito do que o ato do ente em potência enquanto tal.

## BIBLIOGRAFIA

Blackwell, R. J.; Thrikel, W. E. (1999). T. Aquino. *Commentary on Aristotle's Physics*. Notre Dame, Indiana, Dumb Ox Books.

Aubenque, P. (1997). *Le problème de l'être chez Aristote*. Paris, P. U. F.

Brentano, F. (1862). *Aristote. Les diverses acceptions de l'être*. Éd. Paris, Vrin, 2000. (Bibliothèque des Textes Philosophiques).

Philoponus, Joannes (1887-8). *Philosophus in Aristotelis Physica commentaria*, ed. Hieronymus Vitelli (*Comm. in Arist. Graeca* xvi, xvii), Berlin.

Kosman, L. A. (1969). Aristotle's Definition of Motion. *Phronesis* 14, p. 40-62. <https://doi.org/10.1163/156852869X00037>



Simplicius Philosophus. [Simp] 1882-95 In: *in Aristotelis Physica commentaria*, ed. H. Diels (*Comm. in Arist. Graeca* ix and x), Berlin

Ross, W. D. (1936). *Aristotle's Physics*, a revised text with introduction and commentary. Oxford, Clarendon Press.

Submetido em Março e aprovado para publicação em Junho, 2016

archai 

nº 21, sep.-dec. 2017

Rafael Mello Barbosa,  
'Sobre a dificuldade de  
compreender o senti-  
do de movimento em  
Aristóteles', p. 207-221